



doi: 10.20396/rfe.v11i2.8657845

## ENTRE O TRABALHO E A ESCOLA: a infância suprimida na produção de semijoias e bijuterias

*Marcia Cristina da Silva Vendramin<sup>1</sup>*

*Sandra Francisca Bezerra Gemma<sup>2</sup>*

*Andreia Silva da Mata<sup>3</sup>*

### RESUMO:

O artigo discute a problemática na produção de semijoias e bijuterias em Limeira-SP. A pesquisa descritiva foi realizada com crianças e adolescentes em idade escolar. Foi aplicado um questionário contendo 41 perguntas objetivas que investigaram o perfil do estudante, da família, do trabalho, dos estudos e aspectos da saúde. Entre os principais resultados foi detectado que 569 participantes possuíam idades entre 7 a 13 anos e destes 37,43% (n=213) informaram que precisam trabalhar para ajudar seus familiares. Quando questionado sobre o tipo de atividade que realizam 28,18% (n=51) estudantes indicaram que estão envolvidos com a produção de semijoias e bijuterias.

**Palavras-chave:** Trabalho infantil. Terceirização. Semijoias.

### ABSTRACT:

---

<sup>1</sup> Fisioterapeuta (Faculdades Einstein), Especialista em Ergonomia (UGF), Mestra em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (FCA UNICAMP). Integrante do Laboratório de Ergonomia, Saúde e Trabalho ERGOLAB (FCA UNICAMP).

<sup>2</sup> Professora plena do ICHSA - Curso de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da FCA-UNICAMP na temática da Ergonomia, inserida na linha de pesquisa Sustentabilidade e Proteção Social.

<sup>3</sup> Doutora em Educação, com ênfase em Psicologia Educacional, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Psicologia, com ênfase em Psicologia Educacional, pela Universidade São Francisco (USF). Psicóloga formada pela Universidade São Francisco (USF). Atualmente é professora TI (Tempo Integral) no curso de Psicologia da Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

The article discusses the problem in the production of jewelry and jewelry in Limeira-SP. Descriptive research was conducted with school-age children and adolescents. A questionnaire containing 41 objective questions that investigated the student, family, work, studies and health aspects was applied. Among the main results it was found that 569 participants were aged 7 to 13 years and from these 37.43% (n = 213) informed that they need to work to help their family members. When asked about the type of activity that they perform 28.18% (n = 51) students indicated that they are involved with the production of semi jewelry and costume jewelry.

**Keywords:** Childlabour. Semi-jewels. outsourcing.

## 1. Introdução

O trabalho infantil é caracterizado por qualquer atividade realizada abaixo da idade mínima legal. O Brasil considera trabalho infantil aquele realizado em idade inferior a 14 anos, e na faixa etária entre 14 a 18 anos, considera-se trabalho de menor aprendiz, desde que desenvolvido com supervisão e não expondo o jovem a riscos e funções insalubres ou mesmo que atrapalhem seu desenvolvimento físico, psíquico ou intelectual (BRASIL, 2002).

Apesar dos esforços realizados pela sociedade e órgãos públicos para a erradicação do trabalho infantil a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicilio) demonstra que, mesmo com a redução dos casos, ainda existe no Brasil a exploração do trabalho infantil, uma vez que a pesquisa do ano de 2014 concluiu que 3,3 milhões de crianças e adolescentes na faixa etária de 5 à 17 anos estavam sujeitas ao trabalho infantil, sendo que o país possuía uma população de 61,4 milhões de crianças e adolescentes na faixa etária de 0 à 19 anos neste período (IBGE, 2014). Desta maneira estima-se

que 8,1% da população entre 5 a 17 anos estavam sujeitas ao trabalho infantil no Brasil no ano de 2014 (ABRINQ, 2017).

Na cidade de Limeira, interior de São Paulo, uma pesquisa realizada nas escolas estaduais no ano de 2005, por meio da aplicação de questionários aos estudantes de 11 a 17 anos, constatou que aproximadamente 27% dos estudantes (estimativa de 8.340 envolvidos) realizavam trabalhos na produção de semijoias e bijuterias dentro das residências na informalidade (VILELA; FERREIRA, 2008).

A cidade possui uma população de 298.701 habitantes (IBGE, 2016) e já foi grande centro cafeeicultor no século XIX, passando após certo período a ser conhecida como “*Capital da Laranja*” devido à grande produção desenvolvida. A partir da década de 90, se destacou no ramo de semijoias e bijuterias, sendo reconhecida atualmente como a “*Capital da Joia Folheada*”. Apesar do reconhecimento este setor não se caracteriza por empresas com grande número de trabalhadores, justamente pela rede de trabalhadores informais, que operam em suas residências com baixos ganhos e gerando externalidades negativas socioambientais (ETULAIN et al., 2012).

A produção de semijoias e bijuterias contribuiu para o aumento da informalidade e, possivelmente, para que os (as) trabalhadores (as) fiquem sem as proteções dos contratos de trabalho vigentes no Brasil. Com a terceirização de alguns processos produtivos, os trabalhos de montagem, soldagem e cravação de peças foram transferidos para as residências dos trabalhadores (as) em condições improvisadas, onde são incluídos jovens e crianças no processo, para aumento da renda familiar (FERREIRA, 2005).

Considerando todos os setores produtivos a cidade de Limeira - SP abriga 5.054 empresas, sendo que aproximadamente 60% das empresas são pequenas, com menos de 5 funcionários. Estas empresas, apesar de serem maioria, empregam apenas um total de 6.000 funcionários, enquanto as grandes empresas, que representam somente 3,5% do total das empresas da cidade, geram mais de 26.000 postos de trabalho (ETULAIN et al, 2012).

Uma pesquisa (FERREIRA, 2005) realizada neste setor teve repercussão na imprensa ao final do ano de 2006 possibilitando assim a criação da COMETIL (Comissão Municipal de Erradicação do Trabalho Infantil em Limeira) no ano de 2007, que tem o objetivo precípua de propor, deliberar, fiscalizar e fomentar ações, projetos e políticas de prevenção e combate ao trabalho infantil e da proteção do trabalho do adolescente, de forma articulada ao poder público, conselhos municipais e sociedade civil do município (LIMEIRA, 2016).

A referida pesquisa (FERREIRA, 2005) também possibilitou a realização de audiências públicas, reuniões e seminários entre os anos 2007 e 2008 e no início de 2009 para fortalecimento das atividades e foi acordado entre o MPT (Ministério Público do Trabalho) e a Prefeitura da cidade um TAC (Termo de Ajuste de Conduta), permitindo assim algumas ações específicas como a criação dos GTETI (Grupos Territoriais de Erradicação do Trabalho Infantil) e do PST (Programa de Saúde do Trabalhador) que iniciaram as atividades ao final do ano de 2009 (LACORTE et al., 2013) e, destacamos que foi observado durante a pesquisa de campo que estes órgãos continuam, juntamente com a COMETIL, promovendo discussões e ações na tentativa da erradicação do trabalho infantil.

Lacorte et al. (2013), destaca que o setor empresarial sentiu diretamente o impacto após a divulgação dos dados da pesquisa, com o bloqueio de recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para financiamentos para o Arranjo Produtivo Local (APL), no valor de R\$ 20 milhões de reais.

As verbalizações durante a pesquisa de campo demonstraram que quando o tema trabalho infantil é colocado em pauta, surgem questionamentos relacionadas à pesquisa anterior realizada no ano de 2005, afirmações que o trabalho infantil foi reduzido ou erradicado depois deste ano e que o setor empresarial formal não estimula o trabalho infantil, pois dentro das empresas esta condição não existe, no entanto, identificamos que são escassos os estudos e dados sobre o trabalho infantil e da produção de semijoias e bijuterias dificultando esta compreensão e atuação, remetendo-

nos à questão de que no mundo do trabalho é cada vez mais evidente o trabalho infantil e nas residências, principalmente no trabalho precarizado e desregulamentado (ANTUNES; ALVES, 2004).

Neto, Silva, Bezerra e Locali (2009) realizaram uma pesquisa qualitativa na cidade de Limeira sobre o trabalho infantil e demonstraram que de acordo com os dados apontados pelo jornal Gazeta de Limeira publicado em 17 de fevereiro de 2007, naquele ano havia cerca de 9 mil trabalhadores formais atuando no ramo das jóias e outros 12 mil trabalhando na informalidade. A própria Procuradoria Regional do Trabalho da 15ª Região apontou a ocorrência de irregularidades na contratação da força de trabalho, além da existência da apropriação do trabalho infantil. Outro dado foi apontado pelo SINDIJOIAS - Sindicato da Indústria de Joalheria, Bijuteria e Lapidação de Gemas do Estado de São Paulo referente a existência de mais de 150 empresas de semijoias clandestinas operando em Limeira - SP, além das “donas de casas” e seus familiares, entre eles aposentados e crianças, trabalhando de forma clandestina e em condições precárias.

Outro desenrolar desta problemática, apontada por Neto, Silva, Bezerra, Locali (2009) refere-se à ampliação da precarização das relações de trabalho. Além do processo de terceirização apontaram para a ocorrência da quarteirização dos serviços, camada produtiva quase invisível à sociedade, mas onde se localiza a maior concentração de trabalhadores infantis.

E ainda, não foram detectadas evidências da real diminuição ou erradicação do trabalho infantil em Limeira - SP. Desta forma, a presente pesquisa teve como objetivo investigar a presença do trabalho infantil, formulando a seguinte questão norteadora: Qual a prevalência do trabalho infantil na cidade de Limeira - SP?

Desta maneira, foi possível elaborar alguns objetivos específicos para esta pesquisa:

- a) Verificar diretamente com os estudantes na faixa etária de 7 a 18 anos da região sul da cidade de Limeira - SP se eles trabalham ou já trabalharam,

- b) Quais tipos de atividades (trabalho) os alunos realizam ou já realizaram, por qual período (em horas) e faixa de remuneração,
- c) Quais os efeitos sentidos pelos estudantes que trabalham em relação a sua saúde,
- d) Levantamento do perfil familiar: números de pessoas que residem junto com o estudante, atividades remuneradas realizadas e quais membros da família o realizam.

Desta forma, este artigo teve como objetivo investigar, discutir e gerar conhecimento sobre a problemática relacionada ao trabalho infantil, principalmente na produção de semijoias e bijuterias e assim contribuir para as ações que possam ser empreendidas.

## 2. Metodologia

Para atender aos objetivos propostos foi realizada uma pesquisa de levantamento, também denominada por alguns autores como pesquisa descritiva de dados (Creswell, 2010), obtidos a partir da aplicação de um questionário preenchido pelos estudantes participantes, foram analisados a partir de análises estatísticas descritivas e bivariadas (crosstabs) (Dancey e Reidy, 2006).

A pesquisa foi formulada com base na pesquisa realizada por Ferreira (2005) e pelas discussões com os membros da COMETIL do município de Limeira-SP sobre a ocorrência de trabalho infantil naquele território. Tomou-se como ponto de partida para o levantamento dos dados o questionário utilizado na pesquisa de Ferreira, mas com alterações propostas pelos membros da COMETIL e representantes da educação.

A partir da obtenção da autorização pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (Número do CAAE: 49921415.7.0000.5404), a proposta da pesquisa foi apresentada à cada direção, coordenação e professores das escolas, esclarecidas as dúvidas e definida a melhor estratégia de entrega dos questionários pelos professores na sala de aula.

A pesquisa foi realizada nas escolas selecionadas a partir de informações fornecidas pelos membros da COMETIL, Educação municipal e estadual, com o intuito de identificar junto à estes profissionais quais as regiões onde se concentra a população que realiza trabalhos de produção de semijoias e bijuterias nas residências ou trabalho infantil.

Após a identificação da região mais vulnerável e que apresentava, segundo os membros da COMETIL, uma maior probabilidade de ocorrência de trabalho infantil, seguiu-se com a realização da pesquisa em 07 (sete) escolas da região sul e 02 (duas) escolas da região central que recebiam crianças da região sul da cidade. As escolas municipais atendiam os estudantes entre 6 e 10 anos e as escolas estaduais os estudantes entre 11 e 18 anos.

Foram aplicados questionários a estes estudantes, na tentativa de identificar se realizavam algum tipo de trabalho, principalmente na produção de semijoias e bijuterias. Os dados obtidos foram digitados inicialmente em uma planilha Excel para elaboração do banco de dados. Cada questão objetiva foi transformada em uma variável quantitativa o que permitiu gerar análises de frequência e análises cruzadas (bivariadas) por meio da utilização do software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 15.0.

A obtenção das autorizações e aplicação do questionário ficou a cargo dos professores das escolas selecionadas e ocorreu durante o 2º semestre de 2015 e 1º semestre de 2016. Os professores realizaram a entrega aos estudantes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para a autorização dos pais ou responsáveis. A partir da quantidade

de autorizações os professores optavam por qual seria a melhor estratégia de entrega do questionário na sala de aula. Foram entregues 6.237 TCLE para os pais / responsáveis dos estudantes e obtivemos a autorização de 741 famílias, permitindo assim a participação de 11,88% dos estudantes.

Os estudantes preencheram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE e após manifestação da concordância em participar da pesquisa, os estudantes receberam o questionário de coleta de dados. Eventuais dúvidas foram esclarecidas com os professores, coordenação, direção ou pesquisador.

### **3. Instrumento de coleta de dados**

Para a realização da pesquisa foram elaborados 3 instrumentos. O primeiro, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE foi direcionado aos pais dos estudantes para a obtenção da autorização para a realização da pesquisa. Este termo contém os principais dados e objetivos da pesquisa. Foi elaborado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE, entregue aos estudantes, cujos pais autorizaram a participação na pesquisa.

Para a realização da pesquisa junto aos estudantes foi elaborado um questionário contendo 41 perguntas objetivas e de múltipla escolha. A construção do instrumento tomou por base o questionário intitulado “Pesquisa do trabalho do estudante e de sua família” (FERREIRA, 2005), cujas adaptações foram discutidas entre os pesquisadores e os membros da COMETIL, da educação municipal e estadual, os coordenadores e os professores das escolas, com o objetivo de melhorar a compreensão e formato das perguntas para os participantes.

O instrumento levantou dados relacionados aos estudantes, ao campo de trabalho e sobre a composição familiar. Assim, foram elaboradas 9 questões para levantar informações sobre o estudante, tais como idade, sexo,



horário de estudo, bairro em que reside, locomoção até a escola, se já teve reprovação e sua percepção sobre o trabalho infantil. As questões relacionadas ao trabalho foram investigadas em 27 questões elaboradas com o objetivo de indagar diretamente ao estudante respondente quando, como e porquê iniciou sua atividade laboral e como e em qual local a realiza. Foram elaboradas 5 questões para levantar o perfil familiar. Estas questões investigaram o tipo de moradia do estudante, quantidade de pessoas que residem no mesmo endereço, se exercem (e quem exerce) atividade remunerada dentro da residência e qual a natureza.

#### 4. Participantes

Participaram da presente pesquisa 741 alunos na faixa etária de 7 a 19 anos, de ambos os sexos, sendo n=372 participantes do sexo feminino e n=328 do sexo masculino, 5,5% da amostra (n=41) não informaram o sexo e a idade. Em relação ao tipo de escola 51,3% (n=380) estavam matriculados na rede estadual de ensino e 48,7% (n=361) na rede municipal. Também foi analisada a distribuição das idades dos participantes (Tabela 1) em função da relevância desta variável para o conceito de trabalho infantil.

Tabela 1. Distribuição da amostra em função da idade e sexo.

Idade	Sexo			Total
	Masculino	Feminino	Missing	
7	0	2	0	2
8	28	27	1	56
9	94	88	2	184
10	72	74	7	153
11	24	32	6	62
12	33	49	4	86
13	15	11	0	26
14	7	12	1	20
15	7	8	1	16
16	18	27	1	46
17	15	30	2	47
18	9	12	1	22

19	6	0	0	6
Missing	-	-	15	15
Total	328	372	41	741

Missing- ausência de informação

A amostra inicial contemplou estudantes com idades de 7 a 19 anos pelo fato de haver no questionário uma pergunta indagando qual a idade que o adolescente ou jovem iniciou o exercício da atividade laboral. Observa-se na Tabela 1 que 569 participantes (76,78%) estão na faixa etária de 7 a 13 anos, faixa em que o exercício laboral é considerado como exploração do trabalho infantil. Portanto, todas as análises serão apresentadas em função desta distribuição para verificar as respostas fornecidas pelos estudantes menores de 14 anos.

## 5. Análise de dados

Na análise dos dados construiu-se uma visão global dos principais resultados por meio da análise descritiva (MARÔCO, 2011) e os resultados segmentados através da análise bivariada (FÁVERO et al., 2011), método que possibilita estudar as associações e correlações através de duas variáveis simultaneamente. Foram realizados cruzamentos (crosstabs) entre as 41 questões elaboradas e apresentadas no instrumento de coleta de dados (questionário), tendo como eixo central para comparação dos dados a variável idade, o que permitiu investigar vários aspectos que pudessem indicar a presença de trabalho infantil.

## 6. Resultados e Discussão

Os resultados foram obtidos pelo cruzamento (análise bivariada) de duas variáveis, sendo uma delas a idade dos participantes, o que permitiu

verificar as respostas em função da faixa etária, em especial a faixa etária dos 7 aos 13 anos.

Uma das primeiras questões que foram respondidas pelos estudantes referia-se qual era o seu entendimento quanto à idade adequada para uma criança ou adolescente começar a trabalhar. A maioria dos estudantes (n=706) respondeu que a idade ideal para início da vida laboral seria a partir dos 15 anos. Contudo, quando foi questionada qual a idade o estudante começou a trabalhar, 68 crianças e adolescentes responderam que tiveram a sua inserção no trabalho quando estavam com idade entre 5 e 13 anos. Estas 68 crianças e adolescentes afirmaram ainda que trabalham para contribuir com o sustento do lar.

Outro dado curioso e alarmante foi obtido na questão “você precisa trabalhar?”. Da amostra total de 741 alunos, 213 participantes responderam que precisam trabalhar, sendo que 153 alunos estavam na faixa etária de 7 a 13 anos no momento da pesquisa. Isso retrata que crianças e adolescentes, que deveriam ter como principal foco de preocupação seus estudos, já estão sendo afetados pela necessidade de colaborar financeiramente com o sustento da família, ainda que isso não esteja ocorrendo.

O trabalho precoce tem efeitos prejudiciais (OLIVEIRA et al, 2010) levando o jovem à nível elevado de sonolência durante o dia ocasionando a desatenção, curtos episódios de sono, queda no desempenho, alterações dos estados de ânimo e abandono precoce da escola. Ainda nesse sentido a OIT (MENDES, 2012) enfatiza que o trabalho infantil resulta em menor renda na idade adulta e pesquisas (KASSOUF, 2007) demonstram que, o trabalho infantil é uma atividade que gera benefícios imediatos na forma de renda, mas que ao longo do tempo gera custos por não estudar ou por reduzir o tempo de lazer, limitando as oportunidades de emprego a postos que não exigem qualificação e que conferem baixa remuneração, mantendo o jovem dentro de um ciclo vicioso de pobreza.

Quando questionado sobre o tipo de atividade realizada, n=181 crianças e adolescentes responderam apontando uma das alternativas

apresentadas no formulário da pesquisa como sendo a atividade que exercem. Destes, n=51 (28,18%) indicaram que estão envolvidos com a atividade de fabricação de semijoias. Outro número elevado de atividade exercida foi a de comércio e vendas (N=40) e indústria (n=11) embora não se tenha informação sobre quantos destes alunos estão inseridos nestas duas atividades pelo programa Jovem Aprendiz, mas é sabido que este programa contempla adolescentes a partir dos 14 anos. Outras atividades de trabalho declaradas pelos alunos foram a construção civil (n=03), o trabalho doméstico (n=18), tarefas de escritório (n=14), colaboração em eventos (n=01), manicure (n=03), reciclável (n=03) e outros (n=37).

Em função do objetivo da pesquisa, ou seja, localizar a ocorrência de trabalho infantil na cidade de Limeira - SP, as atividades de trabalho declaradas pelos estudantes foram analisadas em função da idade. Nesta análise (Tabela 2) do total de 569 estudantes com idades na faixa de 7 a 13 anos, 15,46% dessa amostra (n=88) informaram que realizam ou que já realizaram algum tipo de trabalho.

Tabela 2. Tipo de atividade laboral informada pelos estudantes na faixa etária de 7 a 13 anos.

Tipo de Atividade	Qual a sua idade?						Total
	8	9	10	11	12	13	
Comércio /Vendas	0	1	0	1	1	0	3
Construção (pedreiro, servente)	0	3	0	0	0	0	3
Doméstico	3	4	2	4	3	2	18
Escritório	0	0	0	2	0	0	2
Jóias e Bijuterias	4	14	8	4	7	1	38
Manicure	0	1	1	1	0	0	3
Reciclável	0	1	0	1	0	1	3
Outros	2	9	3	2	1	1	18
Total	9	33	14	15	12	5	88

O levantamento sobre o tipo de atividade exercida por crianças e adolescentes menores de 14 anos encontrou 88 participantes que indicaram realizar alguma forma de trabalho. Esse dado indica a existência de trabalho infantil no município de Limeira - SP, pois menores de 14 anos não são

contemplados pelo programa Jovem Aprendiz. Dentre essas atividades encontram-se àquelas que oferecem riscos adicionais de contaminação ao executante (manicure n=03, reciclável=03) e risco de acidente físico (construção=03). Duas outras atividades chamaram a atenção em função da quantidade de crianças que as realiza, uma delas é a de fabricação de semijoias (n=38) e a outra o trabalho doméstico (n=18).

Do total de 38 alunos que declararam trabalhar na fabricação de semijoias e bijuterias, 34 deles informaram que realizam essa atividade dentro de casa, provavelmente em virtude de a família realizar essa atividade na forma de trabalho terceirizado, demonstrando a prática da terceirização e da informalidade (ANTUNES; DRUCK, 2013), que nas décadas recentes, têm se apresentado como mecanismos vitais, tanto para a preservação, quanto para a ampliação de sua lógica produtiva. Entre os anos 2007 e 2008, esse quadro se intensificou e nos fez presenciar a corrosão ainda maior do trabalho contratado e regulamentado, que foi dominante ao longo do século XX, de matriz tayloriano/fordista, e que vem sendo substituído pelos mais distintos e diversificados modos de terceirização, informalidade e precarização, ampliando os mecanismos de extração do sobretrabalho em tempo cada vez menor. Desta maneira, a informalidade deixa de ser tendência e passa a ser regra, especialmente na atualidade brasileira. Historicamente a exploração de trabalhadores para realizar parte da produção dos capitalistas em seus próprios domicílios transformou artesãos independentes em trabalhadores empobrecidos e limitados com a “terceirização” de parte da produção (CARELLI, 2013).

Outra questão importante investigou se os estudantes já haviam trabalhado na montagem de semijoias e bijuterias. Os dados compilados a partir das informações prestadas pelos estudantes neste quesito podem ser considerados alarmantes. Do total de crianças e adolescentes compreendidos na faixa etária de 7 a 13 anos, 6,85% (n=38) indicaram que já trabalharam neste segmento. Notou-se que quando a questão sobre o trabalho com semijoias refere-se a uma tarefa específica, como a montagem, o número de crianças que declararam que realizam ou já realizaram este tipo de atividade

é maior quando comparado o resultado obtido na pergunta anterior, qual a atividade laboral foi informada pelo aluno.

Dentre as tarefas realizadas para a fabricação de semijoias e bijuterias está o trabalho de solda. Na análise da pergunta sobre trabalho de solda de semijoias, 06 participantes (1,05%) com idades compreendidas na faixa etária de 8 a 13 anos indicaram que já realizaram essa atividade. Essa é uma atividade que envolve riscos adicionais, pois a execução do trabalho envolve o uso de botijão de gás, que pode representar aumento no risco de acidentes, tanto para a criança que executa a tarefa quanto para as pessoas que estejam próximas a ela (LACORTE et al, 2013).

Também foi levantado o tempo da jornada em horas com o trabalho. As respostas variaram entre 2 e mais de 8 horas diárias de trabalho, respondido por crianças com idades de 8 a 13 anos. Nesta questão, os participantes responderam não apenas em relação ao trabalho atual, considerando também atividades realizadas em outros momentos. A Tabela 3 apresenta a quantidade de horas trabalhadas ou já trabalhadas declaradas pelos estudantes.

Tabela 3. Distribuição da quantidade de horas trabalhadas em função da idade do estudante.

Idade	Quanto tempo você gasta trabalhando por dia?					Total
	2 horas por dia	4 horas por dia	6 horas por dia	8 horas por dia	Mais de 8 horas por dia	
7	0	0	0	0	0	0
8	6	8	0	0	2	16
9	30	11	2	6	3	52
10	20	6	2	1	3	32
11	13	2	3	0	2	20
12	28	0	1	0	0	29
13	8	3	1	0	0	12
Total	105	30	9	7	10	161

A Tabela 3 apresenta uma significativa concentração de estudantes que trabalham ou já trabalharam na carga horária de duas horas. Contudo,

na faixa etária analisada não deveria ter nenhuma ocorrência desta natureza, visto que a declaração torna evidente a existência de trabalho infantil.

Outro detalhe curioso foi a constatação da quantidade de estudantes menores de 14 anos que declararam realizar uma determinada carga horária de trabalho diário (n=161) ser significativamente maior do que a quantidade de alunos de 14 a 19 anos que informaram o exercício de atividade laboral em horas. Nesta segunda faixa etária apenas 101 alunos declararam a realização de trabalho em função da quantidade de horas, sendo notada uma maior frequência de estudantes que declararam trabalhar 4 horas por dia (n=26) e 6 horas por dia (n=31).

Independente da idade, 15 estudantes declararam que o tempo gasto com o trabalho diário interfere no horário da escola. Destes, 9 alunos têm entre 8 e 13 anos. Também foi questionado se o trabalho realizado causa sono e cansaço durante as aulas. Do total da amostra na faixa etária de 8 a 19 anos, 10,80% (n=80) declararam sentir sonolência e cansaço durante as aulas. Na faixa etária de 7 a 13 anos, 30 crianças e adolescentes relataram sentir esses sintomas em consequência do trabalho que realizam.

A análise da questão que investigou a faixa de remuneração salarial distribuída pelas idades dos estudantes, apenas 69 alunos com idades de 7 a 13 anos informaram que recebem financeiramente pelo trabalho realizado. E ainda, dentre os 69 anos alunos, 49 deles recebem valores bem pequenos, variando entre R\$ 25,00 a R\$ 100,00 reais. Ao comparar esses dados com as informações apresentadas na tabela 3 é possível inferir que boa parte dos estudantes com idades de 7 a 13 anos colaboram ou já colaboraram com atividades laborais com o objetivo de ganho financeiro para o grupo a qual pertencem, contudo, não recebem ou não receberam diretamente pelo trabalho realizado, sendo visto como apenas um “colaborador”. Este fator pode estar relacionado com a “ajuda” no lar, onde vários membros da família realizam em algum momento do dia a atividade para contribuir com o principal membro que trabalha nesta condição. Sabemos (JACOMINI, 2009) que nestes casos o pouco dinheiro que arrecadam é de vital

importância para eles e suas famílias e mesmo este acréscimo na maioria das vezes sendo precário, pode significar a única fonte de renda familiar.

No questionário elaborado pela pesquisa foram construídas perguntas que investigaram aspectos relacionados à saúde do estudante trabalhador. Entre essas perguntas, foi questionado se o estudante realizava trabalhos repetitivos e em ciclos, que poderiam ter como consequência o surgimento de dores musculares em diversas partes do corpo. Neste sentido, foram elaboradas questões investigando objetivamente se os estudantes sentiam dores no pescoço, ombros, braços, mãos, punhos, na coluna e pernas cujo surgimento poderia ter como causa o trabalho. A Tabela 4 apresenta os resultados obtidos nestas questões. Como o surgimento de dores ocasionadas pelo trabalho constitui-se em tema relevante para a área da saúde e da segurança do trabalho, foi considerada toda a amostra de alunos (de 7 a 13 anos) que respondeu afirmativamente a cada uma dessas questões.

Tabela 4. Frequência de respostas dos estudantes que indicaram realizar trabalho repetitivo e a presença de dores físicas.

Idade	Trabalho repetitivo	Presença de dores físicas				
		Pescoço	Ombros	Mãos e Punhos	Coluna	Pernas
7	0	0	0	0	0	0
8	5	2	3	1	2	4
9	25	7	12	8	8	7
10	19	6	8	5	3	6
11	12	7	8	7	5	7
12	10	3	1	3	2	2
13	7	3	2	2	3	2
Total	78	28	34	26	23	28

A presença de dores físicas pode ter diversas origens, inclusive após longas atividades de brincadeiras realizadas pelas crianças. Contudo, as questões formuladas atrelavam o surgimento do desconforto físico observado em alguma parte do corpo que pudesse estar relacionada ao



trabalho realizado pelos estudantes. A Tabela 4 traz informações preocupantes para além dos riscos de acidentes e de problemas de saúde. Verifica-se um número elevado de estudantes (n=78) que informaram realizar trabalhos com movimentos repetitivos com idades dentre 7 a 13 anos.

Como era de se esperar em função da realização de trabalho repetitivo, muitos estudantes responderam afirmativamente as questões que investigaram se eles sentiam dores em algumas partes do corpo. Analisando a Tabela 4 nota-se que estudantes menores de 14 anos indicaram a presença de dores em várias partes do corpo.

A realização de trabalhos repetitivos também foi investigada em função da quantidade de horas trabalhadas e idade dos estudantes. Na questão que investigou a quantidade de horas que os estudantes trabalhavam tinha como alternativas a realização do trabalho por um período de 2, 4, 6, 8 e mais de 8 horas por dia. A afirmativa sobre a realização de trabalho repetitivo foi encontrada nas 5 faixas de horas elaboradas nesta pesquisa.

Na questão que investigou sobre o surgimento de alguma doença em consequência do trabalho 3 estudantes responderam positivamente. A resposta afirmativa foi informada por um aluno de 10 anos, um aluno de 11 anos e um aluno de 16 anos. Outra questão referente à saúde indagou os estudantes sobre a presença de irritações na pele ou nos olhos causadas pelo trabalho. Esta pergunta foi respondida afirmativamente por 15 estudantes com idades entre 9 a 11 anos e de 16 a 18 anos.

Foram elaboradas cinco questões com o objetivo de levantar algumas informações sobre a família dos estudantes participantes da pesquisa. A primeira investigou a quantidade de pessoas que residem com o estudante. A maior concentração de respostas (n=200) indicou que o estudante mora em uma residência com mais 3 pessoas. Respostas indicam que o estudante mora com 4 a 6 pessoas também apresentam números elevados, variando entre 117 a 130 respondentes. A maior frequência de respostas indicada por

estudantes com idades entre 7 a 12 anos foi a de 3 a 5 moradores por residência.

Também foi levantado o tipo de atividade de trabalho realizado pelos membros da família de cada um dos estudantes participantes da pesquisa. As respostas indicaram 10 ramos de atividade. A mais indicada foi o trabalho no comércio (n=420), seguida da atividade de manicure (n=169), construção (n=125), fabricação de semijoias (n=109), doméstico (n=106), escritório (n=96), eventos (n=32), reciclável (n=27), flanelinha (n=09) e indústria (n=01).

O trabalho de fabricação de semijoias e bijuterias foi a quarta atividade mais citada pelos estudantes, sendo a segunda atividade remunerada que pode ser realizada dentro da própria residência, ficando atrás apenas do trabalho de manicure. Também foi questionado aos estudantes qual o membro da família realiza trabalho dentro da própria residência. Neste quesito, 235 estudantes responderam que irmãos menores de 14 anos trabalham dentro de casa, seguidos de 208 respostas indicando que é a mãe a pessoa da família que trabalha dentro de casa. A literatura mostra que uma enorme massa de trabalho é efetuada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho é invisível e realizado não para si mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno (HIRATA; KERGOAT, 2007), como parece ser o caso da produção de semijoias, a mulher se disponibiliza a trabalhar dentro da residência para estar próxima da família e com isto realizar todas as outras atividades que lhe são conferidas, como o cuidado com os filhos e as tarefas de casa.

Nesta perspectiva, surgiu outro número alarmante, o de crianças que provavelmente não estariam participando da pesquisa, mas que também exercem atividade laboral em idades não previstas em lei. Esse dado pode indicar, salvo se existir duplicidade entre um estudante participante ser irmão de outro participante, a possibilidade da existência de trabalho infantil em uma proporção ainda maior do que o inicialmente levantado nesta pesquisa.

No sistema capitalista as pessoas somente consideram trabalho quando o mesmo está sendo realizado em um determinado tempo do dia e com o respectivo salário, considerado como controle do trabalho assalariado (ANTUNES, 2004). Desta maneira, percebemos que muitos dos estudantes não consideram a atividade realizada dentro das residências, como um trabalho, pois não possuem uma jornada de trabalho estabelecida, nem tampouco salários específicos, demonstrando que este tipo de atividade está naturalizado no cotidiano da família. Na pesquisa anterior (FERREIRA, 2005), mesmo sendo realizada com outro tipo de amostragem o trabalho na produção de semijoias e bijuterias também foi relatado por 27% dos estudantes.

Observamos que quando perguntamos de uma maneira geral “Você trabalha?”, o mesmo estudante que respondeu “não trabalhar” relatou nas questões específicas à produção de semijoias e bijuterias que trabalha ou já trabalhou.

## 7. Considerações finais

Ao investigar a problemática do trabalho infantil na produção de semijoias e bijuterias em Limeira-SP identificamos o envolvimento expressivo dos estudantes com a produção de semijoias e bijuterias, especialmente na região sul, corroborando assim a necessidade de maior atenção do poder público referente às questões do trabalho infantil nesta localidade.

É preocupante que a faixa etária da maioria dos estudantes envolvidos na produção de semijoias e bijuterias seja de 8 a 13 anos, pois o trabalho precoce pode ocasionar sérios problemas futuros relacionados à saúde destas crianças, como a desatenção devido à sonolência, a queda no desempenho escolar, o abandono precoce da escola e a menor renda na vida adulta, para além dos riscos de acidentes.

Por fim, embora não seja possível generalizar os resultados para todo o município espera-se que eles possam ampliar a compreensão referente ao tema do trabalho infantil, para além de estimular outras pesquisas e desta maneira contribuir para ações articuladas entre o poder público, empresários e sociedade no que diz respeito não somente à fiscalização e responsabilização, mas especialmente à eliminação deste problema social que ainda afeta crianças e adolescentes.

#### Agradecimentos:

À FAPESP, pelo auxílio concedido ao Projeto de Pesquisa 2014/25829-0 “O Trabalho na fabricação de joias em Limeira SP”, bem como pela importante articulação com toda a equipe responsável pelo Projeto Temático (2012/04721-1) “Acidente de trabalho: Da análise sócio técnica à construção social de mudanças”.

#### Referências

- ABRINQ. *O cenário da infância e adolescente*. <http://observatoriocrianca.org.br/cenario-infancia/temas/trabalho-infantil> (acessado em 20/Fev/2017).
- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. *As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital*. São Paulo: Educação e Sociedade, 2004.
- ANTUNES, Ricardo. A. *dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular; 2004.
- ANTUNES, Ricardo; DRUCK Graça. *A terceirização como regra?* Brasília: Revista TST, 2013.
- BRASIL. Lei federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da criança e adolescente*: Rio de Janeiro: Imprensa oficial, 2002.
- CARELLI, Rodrigo L. *A terceirização no século XXI*. Brasília: Revista TST, 2013.
- CRESWELL, John. W. *Projeto de pesquisa*. Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. *Estatística sem matemática para psicologia usando o SPSS para Windows*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ETULAIN, Carlos R.; BIN, Adriana; PEREIRA, Amanda L.; BRASIL, Evandro R. A.; LEÃO, Gabriela A.; MIALICH, Guilherme A. S.; HADDAD, Isadora; HOOGERBRUGE, Lucas F.; RIGUEIRA, Luis P.; CARNEIRO, Pedro, M.V.; GANZAROLLI, Ramon; REIS, Thamires F.; FERREIRA, Yuri C. Perfil econômico da Microrregião da Limeira. In: Baeninger Rosana; Peres, Roberta G.; D'antona Alvaro O., Etulain, Carlos R. *Por Dentro do Estado de São Paulo: Região de Limeira*. São Paulo: Traço Publicações e Design, 2012. p. 33-62.

FÁVERO, Luiz P.L.; BELFIORE, Patricia; SILVA, Fabiana L.; CHAN, Betty L. *Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FERREIRA, Marco Antonio L. *Estudo de Riscos à Saúde dos Trabalhadores ao Meio Ambiente na Produção de Joias e Bijuterias de Limeira - SP* [Dissertação Mestrado]. Piracicaba - SP: Programa de pós-graduação em engenharia de produção, UNIMEP, 2005.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. *Novas configurações da divisão social do trabalho*. Cadernos de Pesquisa, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios - PNAD*, 2014. <http://www.ibge.gov.br> (acessado em 20/Fev/2015).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico*, 2016. <http://www.ibge.gov.br> (acessado em 10/Dez/2016).

JACOMINI, Márcia A. *Educar sem reprovar: desafio de uma escola para todos*. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2009.

KASSOUF, Ana Lúcia. *O que conhecemos sobre trabalho infantil*. Belo Horizonte: Nova Economia, 2007.

LACORTE, Luis E.C.; VILELA, Rodolfo, A.G.; SILVA, Reginalice C.; CHIESA, Anna M.; TULLIO, Elisa S.; FRANCO, Robson R.; BRAVO, Ecléa S. *Os nós da rede para erradicação do trabalho infanto-juvenil na produção de joias e bijuterias em Limeira*. São Paulo: Rev. Bras. Saúde Ocupacional, 2013.

LIMEIRA. *Decreto 399*. Institui a Comissão Municipal de Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção do trabalho do Adolescente no Município de Limeira. Jornal oficial do município; 2016; p. 10.

LOCALI, Tammy T. *Um estudo sobre trabalho e educação das crianças no setor de jóias e bijuterias em Limeira* [Dissertação mestrado]. Programa de pós graduação em educação, UFSCAR, 2011.

MARÔCO, João. *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. Ed. Reporter Number, 2011.

MENDES, R. *Organização Internacional do Trabalho - OIT*. Entrevista concedida a Maria Lúcia Leal e Vicente de Paula Faleiros. Brasília: SER Social, 2012.

NETO, Luiz B; SILVA, Eduardo P; BEZERRA, Maria C. S.; LOCALI, Tammy T. *Trabalho infantil na indústria de semi jóias e suas repercussões nos processos de escolarização*. Revista HISTEDBR, mai, 2009, p.264-284.

OLIVEIRA, Denize C; FISCHER, Frida M; TEIXEIRA, Maria Cristina T.V.; DE SÁ, Celso P.; GOMES, Antonio M.T. *Representações sociais do trabalho: uma análise comparativa entre jovens trabalhadores e não trabalhadores*. Ciência & Saúde Coletiva, 2010.

OIT, Organização Internacional do Trabalho. *OIT Notícias Brasil 2007-2014*, Brasília, 2015.

VILELA, Rodolfo A.G.; FERREIRA, Marco Antonio L. *Nem tudo brilha na produção de jóias de Limeira* - SP: São Paulo: Produção, 2008.

*Submetido em: 11/12/2019*

*Aceito em: 22/01/2020*

*Publicado em: 27/03/2020*